

RUSCHI, Augusto

* zoólogo; botânico.

Nasceu em Santa Teresa (ES), em 12 de dezembro de 1915. Seu pai, o agrônomo Giuseppe Ruschi, veio para o Brasil em missão do governo italiano para auxiliar no desenvolvimento das colônias italianas no país. Dedicou-se também à botânica. Desde criança, Augusto Ruschi, atento às flores que seu pai cultivava, começou a observar e coletar plantas e também animais.

Com dez anos passou a residir em Vitória, para prosseguir em seus estudos. Sua professora de Ciências e História Natural, Maria Estela de Novaes, foi a grande incentivadora em sua iniciação às ciências. Aos 12 anos, enviou suas observações sobre uma praga dos laranjais que assolava a lavoura, descrevendo o ciclo de vida do bicho e solicitando maiores informações a respeito ao Museu Nacional. O responsável por esta área no Museu Nacional era Cândido Mello Leitão, que passou as informações de Ruschi para o cientista italiano Felippo Silvestre, especialista que estudava formas de combater a praga que dizimava os laranjais de todo o mundo. Suas informações foram fundamentais para a solução do problema, pois complementavam uma pesquisa mundial sobre o assunto. Ele havia tido tempo suficiente para montar e observar mais de 500 caixas de lagartas, coisa que os laboratórios não haviam feito. Desta forma, começou a se tornar conhecido por alguns cientistas do país.

Em 1933, com 17 anos, iniciou um intercâmbio regular com pesquisadores do Museu Nacional e do Jardim Botânico, enviando materiais botânicos e zoológicos que coletava aos pesquisadores, em troca de bibliografias especializadas. Apadrinhado por Melo Leitão, começou também a participar, no Rio de Janeiro, de simpósios e conferências sobre ciências naturais, botânica e zoologia. Aos 22 anos, tornou-se professor titular de botânica da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e cientista pesquisador do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o que muito contribuiu para seu aperfeiçoamento científico e para o desenvolvimento de suas pesquisas, que foram fundamentais no conhecimento da fauna e da flora da Mata Atlântica.

Cursou engenharia agrônômica entre 1936 e 1940 e, mais tarde, entre 1946 e 1950, direito. Concluiu um curso de especialização em botânica, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em 1948, apresentou, no Conselho Florestal do Estado do Espírito Santo, projeto de criação das Reservas Florestais de Proteção à Fauna e à Flora

(Integrais), abrangendo todos os tipos fitofisionômicos do estado. Com base em sua tese sobre parques nacionais, organizou a Reserva Florestal de Nova Lombardia. Após o falecimento de Mello Leitão, Ruschi o homenageou, fundando, em 1949, o Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, na chácara de sua família, em Santa Teresa.

Em 1951, ganhou notoriedade, num congresso florestal da Organização das Nações Unidas (ONU), durante o qual previu que as reservas ecológicas, caso preservassem da extinção espécies animais e vegetais e microrganismos, seriam os bancos genéticos e de habitats do futuro, antes de as expressões "biodiversidade" e "biotecnologia" ficarem conhecidas. Seus estudos chamaram a atenção do estudioso norte-americano Crawford Hallock Greenewalt Jr., que, em 1960, possibilitou a Ruschi não só divulgar seus trabalhos em parques nacionais dos Estados Unidos (entre os quais o Olympic National Park, o Yosemite National Park, o Mount Rainier National Park e o Big Tree National Park), mas também percorrer associações de proteção ao meio ambiente localizadas em São Francisco, Los Angeles, San Diego, Seattle, Ann Arbor, Ithaca, Detroit, Filadélfia, Nova York e seus respectivos museus e academias.

Durante a ditadura militar, foi um dos poucos que denunciaram desmatamento na Amazônia, e criticaram os equívocos dos grandes projetos de ocupação da região. Para ele, os índios que habitavam a região amazônica detinham um conhecimento fundamental sobre a natureza, que facultava a utilização da flora e da fauna na cura de enfermidades e em aplicações cotidianas, porém sem registro científico. Sua experiência de campo contestava vários enunciados teóricos da literatura disponível.

Seu maior interesse científico era voltado para os colibris, pássaros pouco estudados pela ornitologia no Brasil. Classificou 80% das espécies brasileiras de colibris, identificou duas novas e elaborou a descrição de outras cinco e de 11 subespécies. Destacou-se ainda por seu estudo sobre orquídeas, catalogando mais de 600 espécies e identificando 50 novas. Estudou também as bromélias e os morcegos. Visionário também no campo da agroecologia, já apontava em seus textos os perigos dos agrotóxicos e da monocultura do eucalipto. Advertia ainda que o desmatamento era o primeiro passo para a formação de desertos.

Foi membro de 13 sociedades científicas internacionais e com cinco trabalhos apresentados e aprovados em congressos científicos mundiais. Sentiu que o trabalho de campo que realizava antes, nas matas virgens do Espírito Santo, era muito mais relevante para a ciência do que o trabalho nos laboratórios. Assim, retornou à sua terra

natal e transformou sua casa em Santa Teresa num autêntico laboratório de pesquisas, procurado por especialistas de várias partes do mundo.

Em janeiro de 1986, 11 anos depois de ter sido envenenado por um sapo da espécie dendrobata, o veneno, acreditava Ruschi, havia contaminado 95% de seu fígado.. Ele ofegava, dormia mal, sofria com febres e hemorragias nasais. Foi então aconselhado a recorrer a uma pajelança indígena. A pajelança aconteceu na manhã de 23 de janeiro de 1986, no Parque da Cidade, no Rio de Janeiro, e teve grande cobertura da mídia. O cacique Raoni e o pajé Sapaim fizeram o ritual com plantas trazidas da Amazônia. Num recinto fechado, tragavam cigarros de folhas cuja fumaça expiravam sobre o cientista, intercalando com cantos indígenas. Eles massageavam o corpo de Ruschi com um unguento a base de frutas e, após alguns minutos, exibiram uma gosma, primeiro branca, depois esverdeada segundo depoimento das pessoas que assistiram ao ritual.

Contudo, o tratamento alternativo também não surtiu efeito. Ruschi morreu em Vitória, no dia 3 de junho de 1986, de cirrose hepática, A seu pedido, foi enterrado na Fazenda Santa Lúcia, onde nasceu, no dia 5 de junho, coincidentemente o Dia Mundial do Meio Ambiente.

Por meio do Decreto Presidencial n.º 92.753, de 5 de junho de 1986, a Reserva Biológica de Nova Lombardia, pertencente ao IBAMA (hoje ICMBio) localizada em Santa Teresa, passou a denominar-se Reserva Biológica Augusto Ruschi. Foi também homenageado pela Lei n.º 8.917, de 13 de julho de 1994, que lhe concedeu o título de Patrono da Ecologia do Brasil. Seu nome foi dado igualmente ao mais importante prêmio da ecologia brasileira – Medalha Augusto Ruschi –, oferecido pela Academia Brasileira de Ciências.

Fontes: ruschicolibri.com.br/augusto.php

<http://www.ruschicolibri.com.br/augustoruschi.html>

<http://riscafaca.com.br/historia/a-ressurreicao-de-augusto-ruschi/>

<http://seculodiario.com.br/23177/10/augusto-ruschi-1>

OBS. Como Augusto Ruschi

27/04/1966 Congresso Internacional de Ornitologia

Como Professor Augusto Ruschi

04/12/1953 Museu de Biologia Mello Leitão Cr\$133 mil